

Assinaturas para o Brasil
 ANNO 10\$000
 SEMESTRE 6\$000

Assinaturas para o exterior
 ANNO 15\$000
 SEMESTRE 8\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

A Lanterna

FOLHA ANTI-CLERICAL DE COMBATE

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
 Largo da Sé, 5 (sobrado)
 Endereço telegraphico: LANTERNA
 Numero do dia 100 rs.
 Aparece aos sabbados

A Escola Moderna em S. Paulo

Pelo que abaixo se vai ler podemos desde já garantir que o ensino livre, racional, alheio ás injunções do clero mentiroso, vai ser um facto, podendo assim a obra do grande Ferrer ser continuada em S. Paulo.

Esperamos que todos os livres pensadores, interessando-se vivamente por esta obra, não deixarão de enviar donativos ao comité promotor da grandiosa idéa.

O comité encarregado pelos representantes de varios centros liberais e associações economicas na assembléa que teve lugar na noite do dia 17 de novembro — para que expuzesse ao publico o programma da Escola Moderna e para que angariasse os recursos necessarios para levar a cabo e com exito tão importante tentativa, inicia seus trabalhos de propaganda com a publicação da presente circular, explicando as bases fundamentaes do ensino racionalista e suggerindo as modalidades pelas quaes todos aquelles que reconhecerem a importancia moral da renovação dos vigentes systemas de pretendida educação, poderão prestar o seu concurso e offerecer o seu obolo para, custe o que custar, triumphar tão generosa iniciativa como a da fundação da Escola Moderna cidade que parece destinada a continuar sendo o ludibrio dos successores do padre Anchieta, de sanguinaria memoria.

O comité, sciente das graves responsabilidades moraes e materiaes que lhe cabem e sciente das lutas e obstaculos que lhe levantarão os elementos retrogrados, não poupará esforços declarando-se a tudo prompto, mas reconhece que sem o auxilio e a solidariedade de todos os livres pensadores decididos e convictos, não poderá para breve alcançar o fim almejado.

Aconselhamos, portanto, todos os que querem coadjuvar-nos, principalmente no interior do Estado, a constituirem por sua vez sub-comités de propaganda, angariar donativos, promover festas, kermesses, conferencias a pagamento e pôr em circulação as listas de subscrição que serão por nós distribuidas aos amigos e companheiros.

O comité já dispõe do valioso offerecimento de um terreno que será sorteado: temos fé que outras ofertas de valor serão postas á nossa disposição pelos sinceros admiradores da obra de Ferrer; dê cada um segundo as suas posses e as suas convicções.

De todas as quantias arrecadadas será dada publica informação nos jornaes liberais ou em boletim publicado pelo comité. Todos os fundos serão depositados em Bancos e garantidos de qualquer desvio; assim, os materiaes, casa, machinas, mobilia, livros e outros capitaes adquiridos, serão collocados de modo apto a subtrai-los ás confiscações dos illegaes da legalidade.

O fim a alcançar traçado ao comité pela assembléa que o elegue pode ser compendiado nos seguintes paragrafos:

1. — Instalação de uma casa editora de livros escolares e obras destinadas ao ensino e a educação racionalista e que, conforme os casos, serão cedidas gratuitamente ou a preço reduzido.
 2. — Aquisição de um predio para implantar na cidade de S. Paulo o núcleo modelo da Escola Moderna.
 3. — Procurar professores idoneos para dirigir a dita Escola.
 4. — Auxiliar aquellas que no interior do Estado poderão surgir baseadas sobre as normas do ensino racionalista, normas que passamos a estabelecer.
- A Escola Moderna propõe-se libertar a criança do progressivo envenenamento moral que por

meio de um ensino baseado no mysticismo e na bajulação politica, lhe communica hoje a escola religiosa ou do governo; — provocar junto com o desenvolvimento da intelligencia a formação do caracter, apoiando toda concepção moral sobre a lei de solidariedade; fazer do mestre um vulgarizador de verdades adquiridas e livrando as peias das congregações ou do Estado, para que sem medo sem restricções lhe seja possivel ensinar honestamente, não falseando a historia e não escondendo as descobertas scientificas.

O ensino racional baseado se sobre a razão e não curvando-se á fé, plasmará portanto individuos independentes, capazes de escolher amanhã o proprio caminho na sociedade e individuos humanos, pois não se fará da escola o que hoje é, uma causa de rivalidade, uma fonte de idéas absurdas e de preconceitos rancorosos, aos quaes devemos grande parte das perturbacões sociais e das violencias que assignalam a marcha evolutiva da humanidade.

Possivelmente o ensino será integral, exercitando o alumno progressivamente em todos os conhecimentos intellectuaes e phisicos. Havendo recursos será tambem cultivado o ensino profissional.

Emfim, a Escola Moderna propõe-se fazer da criança um homem livre e completo, que sabe porque estudou, porque reflectiu, porque analysou, porque fez a si mesmo uma consciencia propria e não um dos tantos bonecos laureados por repetirem como phonographos as verdades de Moyzès e para se curvarem sem dignidade ao Direito Romano, pequenos nos odios e nos enthusiasmos, crescendo e vivendo sem possuir uma concepção real da vida, inimigos de si mesmos e da humanidade.

Estas são as normas fundamentaes que servirão de base á Escola Moderna e que por meio de conferencias e publicações avulsas serão vulgarizadas para que todos comprehendam o que queremos.

Por iniciativa do Grupo Pensamento e Acção se realizará uma festa em beneficio da Escola Moderna no dia 31 de dezembro vindouro com o drama «Giordano Bruno».

Os bilhetes familiares custam 2\$. Publicaremos no proximo numero o programma por inteiro.

Toda a correspondencia relativa á Escola Moderna deve ser enviada a Leão Aymoré, rua Gomes Cardim, 5, S. Paulo.

O pavor dos corvos

A Cidade de Campinas, o tal organ dos marmaros do bispado da vizinha cidade, cujos ossos o bispo manda lhe dar para que a infeliz arraste sua misera existencia, expondo suas chagas e mazellas, noticiando os preparativos para a fundação de uma Escola Moderna, assim conclue:

Nós esperamos que em nossa abençoada terra, não logrará crescer esta planta mal lida, que está florescia na Hespanha e noutros logares.

E' o pavor dos corvos a se manifestar nessas linhas, porquanto o padre tem mais medo de uma escola neutra que o rato do gato.

Infelizmente para elles a tal planta maldita tem de florescer, pois hoje só progride o que é maldito; o que é abençoado, já se sabe, vai pela agua abaixo num instante.

Não é, porém, muito religiosa a linguagem da anemica e lazarenta Cidade. Para um organ que vive das esmolas do bispo a linguagem devara se esta:

«Pedimos a Deus e á Santissima Virgem, e aos Santos Apostolos e á S. Benedicto que empreguem todos os meios (e nesse caso a fuzilacão, como se faz em Montjuich) para impedir etc., etc.»

Mas, o respeito humano?



As torpezas de um padre

1) Edwiges Gomes, de 14 annos de idade, ultima victima do padre Cyriaco, com a qual elle se casou civilmente; 2) Maria da Conceição; 3) Maria dos Anjos, dotada com um conto de réis pelo padre Cyriaco, seu offensor; 4) Eugenia Gomes; 5) Joanna Pacca e 6) Flavia Enedina dos Santos, tambem dotada com um conto de réis pelo famigerado padre que a deflorou. 7) o bandido padre Manuel Cyriaco de Oliveira, ex-vigario da Lapa, suspenso das ordens e excommungado por se ter casado civilmente com uma das victimas, e não pelos crimes que commetteu...

Publicamos hoje o retrato do celebre padre Manuel Cyriaco de Oliveira, vigario de Lage, no Estado da Bahia, e que no espaço de um anno e poucos mezes deflorou onze (11) moças, todas pertencentes á Irmandade Filhas de Maria. O proprio templo foi o local dos crimes. A ultima das victimas, menina de 13 annos, é hoje esposa do monstro, que foi excommungado só por se ter casado no civil. (O bispo da Bahia achou que isto é que era crime; o resto nada era).

Para tal bispo, tal padre. O povo que reflecta se isto é ou não é o fructo do jesuitismo e de seus ensinos.

Depois os hypocritas clamam contra a immoralidade do seculo, quando são elles, os guardas da moral (jesuita, notem bem) os primeiros a se revelarem depravados, corruptos, libidinosos e infames.

Estuprada e assassinada?

Os padres do orphanato fazem desaparecer uma infeliz orphã e ainda ochaoteiam dos que exigem contas do delicto, zombam da justiça e tripudiam...

E' necessario que seja esclarecido o facto; que o mysterio se desvende, pois é bom possivel que Idalina tenha sido estuprada e depois supprimida para que seus algozes continem a mostrar, ao mundo, a face de histrião untada de santidade.

E para isso empenharemos todas as nossas energias.

Queremos saber o que ha de verdade no caso.

Nossa collega *La Battaglia* promove uma longa e energica campanha sobre o caso até agora sem resultado, infelizmente.

A collega chegou a offerecer um conto de réis pelo depoimento de alguem que por acaso tivesse visto ou percebido qualquer coisa.

Mas o mysterio permanece, porque a justiça e a policia, não sendo impelidas pelos grandes rotativos, nada fazem, nada vêm, nada ouvem.

Continuaremos no proximo numero, publicando o retrato da infeliz Idalina.

Uma menina desaparecida mysteriosamente do Orphanato Christovam Colombo — As infamias dos padres

Até hoje a policia e a justiça desta terra têm deixado em paz os responsáveis pelo desaparecimento da menina Idalina Stamat, que se achava recolhida ao Orphanato Christovam Colombo.

Bafejados pela impunidade, á sombra de uma criminosa tolerancia, os delictuosos que se aboletam no dito orphanato, cynicamente, com o mais vivo despender, têm tecido uma série de mentiras para explicar o mysterioso desaparecimento.

Ora, Idalina se encontra em Monte Alto em casa de um padre, e verifica-se que isto é mentira.

Ora, acha-se em uma fazenda em Ariranha e o Alteres João do Oliveira a vai buscar e, com vinte soldados, tem de fugir repellido pelos capangas. Tudo isso é farsa.

E, mais que farsa, é infamia.

Excursão de propaganda

Nos primeiros dias de dezembro partirá um dos nossos redactores em propaganda pelo interior e, ao mesmo tempo, encarregar-se-á de receber e angariar assignaturas.

Em todas as localidades que seja possivel elle fará conferencias anti-clericaes, e por isso esperamos que os nossos correligionarios o auxiliarão o mais possivel.

Da mesma forma esperamos que os nossos assignantes envidarão estorços no sentido de facilitar-lhe a tarefa, assegurando igualmente o futuro e a prosperidade da Lanterna.

Predilecta Hespanha

Desde que a igreja romana perdeu a teta da França, e que estas por não lhe dar mais dinheiro, deixou de ser a primogenita, a Hespanha é que occupa o primeiro lugar entre as filhas do papa. A Hespanha, é inutil dizê-lo, official e argentaria, que o povo já se vai afastando do clericalismo.

E, afinal, o clero tem razão. Leiam esse trecho de Paul Louis, publicado na *Revue Politique et Littéraire*:

«O orçamento, que é pesado para um país pobre — mais de um bilhão de francos — é quasi inteiramente absorvido pela vida publica, pelo exercito e marinha, e pela manutenção do clero regular e secular. Os cultos exigem 50 milhões de francos por anno, cinco vezes mais (guardadas as devidas proporções) do que na França, sob o regimen da concordata. Não ha ainda milhas de creditos para os trabalhos publicos e para o ensino: tambem, todo o progresso está paralytado, e é colossal o effectivo dos illudrados. O analfabetismo reina ali como senhor soberano, tal como na Italia do Sul. E sobre 19 milhões de habitantes, mais de dois milhões não sabem ler nem escrever.»

50 milhões de francos para manter na ociosidade a padralhada, enquanto as populações campezinas de Valencia morrem á fome.

«O milhões para o clero, enquanto a instrução publica é tratada da seguinte forma, segundo informam ao *Jornal do Commercio*:

«Ha pouco tempo uma estatistica mostrava que a proporção dos que não sabem ler nem escrever na Hespanha era consideravel em relação aos outros países da Europa.

Mais recentemente, são os proprios jornaes hespanhóes que reclamam contra a falta de escolas na Hespanha.

As crianças não podem aprender a ler e a escrever, explica-se, porque as poucas escolas existentes são anti-hygienicas.

Um ministro da Instrução Publicas, d. Amalio Gimeno, deu conta, num trabalho especial, dessas escolas malditas.

Algumas não têm senão uma janella e esta mesma dando para o cemiterio.

Outras funcionam á entrada de uma prisão, na mesma sala por onde passamos presos.

Muitas são contiguas a salas de hospital.

Das 499 escolas de uma provincia, 400 não têm agua.

Muitas não recebem ar senão pela porta de entrada. Não são raras as que têm por soalho a propria terra batida. Na propria capital hespanhóla, em Madrid, a situação é lastimavel.

As filhas de Ferrer

Trinidad Ferrer

Extrahimos de *La Journal*:

«As filhas de Ferrer foram surpreendidas pelos gritos dos vendedores de jornaes que annunciavam a noticia da execução.

Trinidad Ferrer estava em casa, em um pequeno quarto de hotel em um bairro popular vizinho ás fortificações. Vacillava entre a esperança e a dôr quando ouviu os gritos dos vendedores. Desceu correndo á rua, comprou um exemplar e, apenas leu os grandes titulos do jornal, soltou um grito e caiu sem sentidos. Foi logo soccorrida.

Após grandes esforços, fizeram-na voltar a si. Tinha nas mãos crispadas o periodico que acabava de comprar. Leu e releu o despacho que lhe annunciava a orphanada, porém não querendo crer na autenticidade da noticia, subiu a um coche e correu toda Paris de redacção em redacção. Finalmente se dirigiu ao ministerio do Interior para saber se era verdadeira sua desdita. Ali não puderam confirmar a fatal nova.

Desanimada e desventurada joven, que está gravida de oito mezes, voltou á casa. Ao chegar, uma nova commoção a aguardava. Desceu de um automovel sua irmã, Paz Ferrer, a conhecida artista, e se precipitou em seus braços chorando.

Foi emocionante o encontro das duas irmãs. Trinidad Ferrer não pôde suportar mais tempo sua enoção. Desmaiou de novo sendo preciso levá-la a seu quarto onde, presa de alta febre, teve que guardar o leito. Um medico, que foi chamado com urgencia, ordenou absoluto repouso, pois a situação especial em que se achava podia trazer serias complicações.

Um de nossos redactores teve uma entrevista com Trinidad, que lhe declarou: — Nosso pai era o melhor dos homens. Apesar de quanto se tem dito é certo que jamais nos olvidou nem nos deixou sem recursos. Não sou feliz é verdade. Trabalho para ganhar minha vida. Tenho dois filhos doentes; porém meu pai sempre foi bom para mim e me ajudava sempre que era necessario.

A ultima carta sua que recebi é de 4 de outubro. Nesta data meu pai dizia que não podia ser condemnado, pois era innocente dos factos pelos quaes o perseguiam. Desde então não tive mais noticias, porque meu pai estava incomunicavel.

Hontem pela manhã telegraphiei a Barcelona pedindo noticias. Não obtive resposta. Soube da horrozosa realidade pelos periodicos.

Um amigo de Ferrer, que sempre visitava Trinidad, nos disse que a desgraçada senhora adorava seu pai.

Ferrer, accrescentou, tinha o criterio de que todo ser humano devia ganhar sua vida. Por isso deixava trabalhar suas filhas, porém não as abandonou e sempre provia a suas necessidades.

Trinidad Ferrer vai processar os que insultaram, em cartazes affixados em Paris e em Ardenes, a memoria de seu pai.

E diante das declarações de Trinidad que ainda virá dizer o *Di-Habdomadario Catholico*, forjando novas infamias, sobre o proceder de Ferrer para com suas filhas? E' tão grande o repertorio de calumnias da imprensa romana...

Recentemente, *El Liberal* escrevia: «Boa ou má, uma escola é indispensavel e em certos bairros de Madrid as escolas faltam ao ponto que centenas de crianças não sabem onde ir se instruir.»

Ultimamente tambem os habitantes de varias ruas de Madrid (Argumosa, Valencia, San Cosme, Lavapiés e outras) se dirigiram a *El País* para declararem que mais de 900 crianças não podem aprender a ler e a escrever porque não existe escola no districto do Hospital.»

Ora, si o romanismo faz tanto empenho em se incumbir do ensino, e, si após tantos seculos de dominio na Hespanha, apresenta tão triste resultado, é claro, é evidente, é indiscutivel que o clero só deseja o povo ignorante para melhor dominar.

«Embrutecer para dominar» é a sua divisa, cujas infelizes consequencias têm sido constatadas em todos os países catholicos.



As filhas de Ferrer

«A LANTERNA»

será vendida, ao preço de 100 réis, nos seguintes pontos:

SALEO MONTIHO — Avenida Rangel Pestana, 140.

ARMAEM DE SACOS E MOLHADOS — Avenida Celso Garcia, 24.

NA LAPA — Salto Internacional.

VENTURA SIERRA, rua Conselheiro Rualho, 105.



A Escola Racionalista de Agua Branca, alvejada pela furia Jesuitica-policiesca do sr. Washington Luiz, que a encerrou brutalmente, expulsando arbitrariamente o seu professor Edmundo Rossoni



— Não ha que duvidar, foram os anarquistas... — Caramba! E eu que acreditava serem os proprietários da Casa Alle-mã pessoas de bom comportamento!

Ecoss & Notas

Dentro da lama

Persevera o *Bi Hebdomadario Catholico*, do Rio, na faina ingloria de manchar a memoria de Ferrer, não contente com a sua morte, pequena vingança para tão grande odio.

Para isso o organ de que fazem parte Felicio dos Santos, professor da Faculdade de Medicina, e Andrade Figueira, o decrepito e carola monarchista, forçador de conspirações, adulterou, traduzindo, tudo quanto se passou no julgamento de Ferrer.

E ingenuamente, parvamente, estupidamente o dito jornal afirma «que é muito commentada a EXAGERADA LIBERDADE (sic) de que fez uso o defensor», sem dizer, entretanto, com o revoltante cynismo dos que se debatem na lama, que esse mesmo defensor pediu e não obteve os livros da Escola Moderna e só teve 24 horas para estudar uns autos de 600 folhas.

Entretanto o terrivel e rancoroso organ reaccionario teve de confessar, a contragosto embora, que «Ferrer ficou o que foi». Felizmente não foi possível espalhar a mentira de que elle morrera convertido, como tentaram fazer com Carducci, e o que provocou o celebre telegramma do grande poeta moribundo: «immutato e immutabile».

Assignalemos, contudo, uma sinceridade do *Bi Hebdomadario Catholico*: no cabeço se lê — *O Bi Hebdomadario Catholico* é o jornal mais barato do Brasil. Perfeitamente de accordo...

Digno de nota

Um distincto collaborador do *Sertanejo*, nosso collega de Barretos, applaude a oração do bispo d. José Homem de Mello, na qual esse prelado, rebatendo o sermão de um seu subordinado que applaudia o fuzilamento de Ferrer, disse que a igreja ensina: não matar!

Sem querer indagar se a piedade desse prelado é sincera, sempre queremos ver se o clero de todo o Brasil, que sem excepção applaude esse assassinato dando mostras de uma ferocidade e um rancor incriveis, se não fossem manifestados por elle, é capaz de afirmar que o bispo Homem de Mello é cúmplice de Ferrer!

O anonymato

Espreita o facinoroso occulto, a chegada da victima e mata a traição; o anonymo, sem a necessaria coragem para assumir a responsabilidade do que diz, mergulha na sombra e, invisível, despeja de lá a injuria soez, o insulto vil e torpe, á falta de melhor argumento.

De Bica da Pedra nos enviaram um exemplar d' *A Lanterna* em que um miseravel qualquer, tão ignorante quanto perverso, trapou em grandes caracteres umas phrasas pornographicas denunciadoras de uma rasteira educação e de costumes bem degradados. E o interessante é o que o anonymo se qualifica — um que não é basta, dando, ao mesmo tempo, pelo que escreve, irrefragavel prova do contrario.

Certamente o infeliz é um typico criado no ambiente mephitico das sacristias, porque, afirma, que si o Brasil fosse a Hespanha, não existiria *A Lanterna*, com o que demonstra, sem querer, o coitado, que a igreja só pôde combater a

verdade pelas balas e pela tortura. Para que possam avaliar tudo quanto de mau, de asqueroso, de infame, de repugnante pôde brotar do cerebro enfermeiro de «um que não é basta», deixamos em nossa redacção esse numero, para que possa ser visto por todos.

Collaboração

Temos recebido muitos artigos e poesias que a absoluta falta de espaço tem impedido de dar á publicidade. Dentre esses ha alguns que, por terem perdido a actualidade, não convém sejam inseridos; outros aguardam oportunidade, pois não podemos sacrificar os assumptos do dia.

Pedimos a todas as pessoas que nos enviarem artigos o favor de escrever em letra bem legivel, num só lado de papel e, si usar pseudonymo, dar, entretanto, seu nome para nosso governo.

Tambem rogamos, devido á carencia de espaço, que sejam breves e concisos.

Aos que nos têm enviado poesias, prevenimos que difficilmente serão publicadas, salvo os sonetos, sendo, pois, preferivel que escrevam em prosa.

Uma ré publica

E' a tal de Jardimopolis, que, no intento de pegar no bico da *chalcira* do tal d. Alberto bispo, escreve que «alguns individuos andaram sujando as paredes de predios e mutilando placas com boletins anti-clericaes».

E' interessante este commentario:

«Achamos muito justo que cada um proceda conforme as suas ideias, mas porém, não se prevaleça de *couzas futeis* para affrontar quem quer que seja».

Couzas futeis é o assassinato de Ferrer, que tambem assim qualifica a *ré publica* a condemnacão do grande educador; quem quer que seja é o bispo.

Saberão dizer-nos onde pára o juizo da *ré publica*?

Concorda em que Ferrer foi assassinado e a isso chama *couzas futeis*. Acha que d. Alberto é divino e a elle se refere num *quem quer que seja* tão desdenhosamente como se fosse da *Lanterna*. Não ha duvid — água benta apodrece os miolos...

Em o mesmo numero da *inefavel re publica* lá vem o d. Alberto qualificado — inconfusivel operario... Fusivel é e que se funde. Infusivel é o contrario. Portanto, d. Alberto num forno de alta pressão não se funde nem a mão do deus padre. Que lhe seja de bom proveito.

Diario de Noticias

S. exa. percorre agora todas as parochias de sua diocese para inteirar-se de toda as necessidades de todo o seu povo», assegura a *re publica*.

Santa ingenuidade! Que se lhe dá, a sua reveren-dissima e divinal pessoa, que o povo tenha necessidades. Não será para as alliviar que viaja. E a prova são os 2\$000 de cada creança que é christmada. Santos ingenuos!

Pobre marreco

Marrico, o insigne e laureado *lambre-galhetas* director da *União Catholica*, jornalista que se publica em Guaratinguetá, ficou medonhamente indignado porque dissemos que a cara dos cardeaes, á falta de melhor applicação, pôde servir de escarradeira. Tão indignado ficou o infeliz idiota que revolveu tudo o vocabulario pornographico de seus mestres da Basilica para nos insultar.

Francamente, tivemos pena. Causou-nos dó o estado a que o reduziu o furor. Nunca pensamos que o *Marrico* se magoasse até o ponto de quasi morrer icterico. Mas, se o infeliz, a todo o custo, não quer que a cara dos cardeaes sirva de escarradeira, offereça a sua larga e bronca face de cretino para tal fim. Ficará os cardeaes em socego e o *Marrico* poderá ser nomeado, pelo ser-viço, conde papalino. Serve?

O que se faz nos seminarios e nas parochias

Revelações do ex-sacerdote Don Francisco Bigliuzzi



Primeiras impressões

Estas estupidas criaturas vegetam entre os muros do convento e nada têm de sympathia e de attractivo. Quando com ellas me contendo e com ellas divido as horas do passeio e do recreio, sinto uma desagradavel sensação que me faz esquecer quanto haja de santo e bello no mundo. Eu creio que os padres existem apenas para fazer desaparecer todo sentimento do coração. Pobre coração humano.

Pela manhã, mal desperto, saio em busca de um pouco de alegria em tanta amargura de vida, mas uma indolencia morbida se apossa cada hora mais de mim, e meus sentimentos são obtusos.

Muitas vezes me vem a ideia de escrever a minha mãe rogando lhe tirar-me deste lugar. Pensó ás vezes o dia todo, mas o pensar que a vou desgostar, dar-lhe talvez a morte, me detem e acabo fazendo nada.

Nada mais perigoso que a solidão. Ella nos atira á desesperação e, sinão nos furtamos ao desanimo que nos incute, até ao suicidio nos arrasta. Os padres envenenam todo bom sentimento de amor. Oh tormento inaudito! Oh crudelissimos torturadores da alma, como são venenosos os manjares que preparam á sombra dos vossos seminarios.

4 de maio — Creio util alludir ás confissões que os superiores obrigam a fazer cada 15 dias nos seminarios. Um pouco de mau humor entre os seminaristas, suscitados de pequenos favores ou de illicitas relações de mestres com escolares, é o bastante a decidir os superiores a sotop-los á confissão. Um dia, em que meu pai espiritual estava sentado em uma poltrona em minha cella, ajoelhei-me a seus pés diante da imagem de Jesus. Elle, o confessor, compreendeu que desejava lavar as culpas de minha consciencia com uma boa e total confissão e, com as mãos cruzadas no peito, começou:

— Deus vos abençoe. Dizei-me todos, todos os vossos peccados.

— Padre — respondi — confesso ter diminuta fé na veracidade dos dogmas da nossa santa religião.

— Pois não tendes para vossa edificacão mestres e sacerdotes de elevada e provada santidade? Não recebeiis quotidianamente exemplos de virtude christá que vos confirmam sempre mais na verdade catholica? Recordai-vos de que a fé deve ser cega.

— Para quem não cuida de syndicar sobre a origem destes dogmas, escogitados pelos...

— A bocca do sacerdote não pôde mentir, e tambem o ignorante pôde e deve confiar em suas palavras, que são palavras de verdade.

— Como são verdades os escandalos que pratica aos olhos do mundo, conquanto revestido de ordens sacras. Até aqui, por exemplo, temos padres immoraes e descrentes que não se envergonham de insultar publicamente a Deus e de chamar ao papa *besta romana* em seus partos poeticos. Si a verdade se tivesse de aprender da bocca do sacerdote ficaríamos sempre no erro, e disse dão provas aquelles mestres que não fazem coisas licitas com os seus alumnos...

Neste ponto o rosto do pobre se alterou e seus olhos scintillaram.

— E poderis dizer-me quaes são esses reverendos que chamais impudicos e descrentes?

— São... o professor da primeira gymnasia... o vice-reitor...

— Basta, basta; são rebulthos do clero: são aquelles que, em

época não distante, desmoralisarão este santo lugar. Tendes mais o que confessar?

— Tenho o peccado da soberbia.

— Sabeis que um acto de soberbia perdeu a Lucifer.

— Rezo raramente e mal.

— A oração conduz ao paraizo.

E se esforçava em ensinar-me a amar a Jesus, á Virgem, aos santos; elle que não cria e vivia como um padre libertino.

Antes de deixar o confissionario quiz narrar-lhe que justamente naquelles dias haviam sido deplorados no seminario varios attentados ao pudor.

— Pensai a confessar os vossos peccados e não os alheios — disse-me o digno padre com aspecto severo e solenne.

Dahi se pôde compreender que certas noticias não ferem em nada a susceptibilidade dos confesores. A immoralidade os deixa indifferentes e os encontra sempre promptos á indulgencia.

PADRE FRANCISCO BIGLIAZZI

O castigo de Deus.

«Deus não quer a morte do peccador mas o seu arrependimento» disse, um dia, o galileu que o catholicismo chama seu fundador.

Pois, bem, os padres o que querem é a morte do hereje e assim o demonstra, mais uma vez, o *Messenger*, com aquella implacavel sede de vingança que tão bem caracteriza o clero.

A propositio do cruzeiro derribado em Campinas pelos proprios padres, segundo os mais videntes indicios, narra esse pamphletto que em Limeira ha muitos annos deu-se factio identico, praticado por seis pessoas, das quaes duas ficaram na miseria, duas enlouqueceram, uma morreu de um tiro e uma envenenada.

E affirmo o tal jornal que isso foi castigo de Deus.

Revolta-nos essa torpe exploração da creça ingenua do povo, porque, dado que fosse Deus quem tal fizesse elle estaria em desacordo com o que disse a seus discipulos.

E segundo ensinam os bonzos, Deus não se contradiz.

Arredando do caso Deus, que é afinal um explorado, e que anda tão longe que ainda não pôde ser visto, si aos seis sacrilegos (!) succederam taes desgraças é licito affirmar que foram os clericos quem, atrozmente os perseguindo, acabaram por assassinar a dois e a levar á miseria os outros quatro.

Assim é que vivem esses parasitas, insuflando no povo fabulas e absurdos e o incitando ao odio, á perseguição, á vin licita cruel, fazendo desse Deus, tão docil a seus manejos; ora um pai que perdoa, ora um carrasco executor da pena de Talião.

Podemos tomar a sério esses roupetas?

Pôde algum confiar na veracidade do que dizem?

Não. Elles são os apóstolos do erro, os propagadores da mentira e a mais perfeita encarnação da hypocrisia!

O cliché que estampamos da Escola Racionalista, foi nos gentilmente cedido pelos nossos collegas da *Tribuna Italiana*.

Commentando o incendio

— Aquellas labaredas subindo ao céu, irmão, que belleza!

— Sim, é verdade, porém faltava alguma coisa.

— Compreendendo-te, mas não pergunto se talvez que mais cedo do que supões, veremos entre as labaredas algum herege.

— Enganas-te, meu caro. Estou simplesmente cavando a vida. A humanidade é estúpida, que queeres?! A culpa não é minha. Bem sabes que fiz o que pude para levar a ao caminho da verdade e da belleza. Não foi por isso, possível, desaccorçoti, cancei-me; adquiri mesmo a convicção de que ella será eternamente estúpida e eternamente escrava. Agora sirvo a sua burrice. Não o faço, devo advertir, por espirito de philantropia — bem sabes que odeio a caridade; — mas é que com os meus esforços para arrancar a ao erro e á superstição havia ficado reduzido a morrer de fome. Sirvo, pois, a sua burrice, mas apenas como meio de vida. Faça como os empresarios do theatro que, depois de se arruinaem

com a representação de boas obras d'arte que o publico despreza, se põem a representar grosserias boças, a que o publico afflue freneticamente. E' o apolo do cão de Baudelaire, meu caro. A humanidade é como o cão. O cão rejeitava o pão de ló que o sabio lhe havia atirado para ir lambar um monte de escremento que farejara num portal. A humanidade é assim.

— E o negocio vai dando?

— Vai, vai; mas vem dahi; vem cá dentro; quero mostrar-te o melhor. Não vás pensando que se possa viver e pagar casa com a venda diaria d'alguns tostões de ervas.

Penetramos na sala contigua. E o meu espanto cresceu. Muito baixa, acachapada, pequenina, escura, apenas alumada por uma restea de sol que se coava por uma telha de vidro, a casa pairava numa penumbra cheia de melancolia e exhalava um bafo humido e repulso. Lembrava um subterraneo.

— Aqui está o altar, disse o Correia indicando uma mezinha de pinho cheia de bonecos e bogiangas. Do lado direito destacava-se um crucifixo e ujo Christo deitava sangue por todos os membros; do lado esquerdo uma equipatica estatuetta do Diabo fazia lembrar um fauno grotesco. ... e as duas divindades christãs cubriam-se uma caveira de dentes brancos e luizes.

— E' ahí, aos pés do Christo ou Satanaz, que o herege depois a quantia destinada á consulta. Eu retiro-me um momento, enquanto o consultante se enche da atmosphera macabra do recinto; cinco minutos após, quando o desgraçado já se achá immerso na ideia que o persegue e na angustia que o arrasta, volto com uma tunica roxa ou vermelha, conforme foi Christo ou Satanaz a divindade escolhida, faço um trejeito deante da divindade e sento-me naquella poltrona.

A poltrona estava ao lado do tamborete, mesmo de frente á mesa altar. Da parede, junto á poltrona, encrustada na calça, irrompia uma caveira pintada de vermelho, com os dentes dourados.

S. Francisco

OU A VERDADEIRA BOSTA DE VACCA

A rua do Regente é uma das ruas mais perigosas do Rio de Janeiro. Isto pôde parecer troça, mas não é. Assim como ha homens pacificos e homens perigosos, tambem ha ruas perigosas e ruas pacificas. E precisamente como succede em relação aos homens, os nomes das ruas estão tambem em flagrante contraste com a natureza dellas; de modo que assim como qualquer sujeito chamado Felizardo ou Felicissimo hade, fatalmente, ser caiporissimo e desgraçado, tambem qualquer rua da Harmonia ou do Regente não pôde deixar de viver em constante chintrim e em perpetua desordem.

A razão de semelhante factio não a conhecida exactamente, mas tudo me leva a crer que uma tal extravagancia só pôde ser devida á intencão macaca de se divertir com que Deus fez homens e ruas.

Seja porém como for, o facto é este: na rua da Harmonia não se passa dia em que não haja uma desordem e na rua do Regente não ha a minima sombra de segurança. O pobre incauto, pois, que — aviso aos caipiras — fiado naquelle tranquilizador nome do Regente, teimar em passear por essa viella, arriaca-se muito a levar, de um momento para o outro e sem saber como nem porque, uma rasteira que o deita de cangalhas, uma surra que lhe deira os ossos num molho, ou uma lacada que, com alma e tudo, o manda de presente ao Diabo.

E', pois, uma rua perigosa a rua do Regente. Mas a que propositio vem isto? Apenas para dizer que passei ha pouco por essa nojenta e patibularia via. E' evidente que para um espirito ordenado e sobrio não era preciso nada disso para dizer coisa tão simples; mas como o meu espirito nada tem com a sobriedade e é duma vagabundagem pavorosa — mesmo porque se não fosse não se mettia pela rua do Regente — foi mistér toda essa prelenga.

Passava, pois, como entendido fica, por essa rua, quando, ao des-cambar dumha esquina, dei de cara com o meu velho amigo Luiz Correia Palermo a retorcer, encostado numa porta, as guias implicantes do seu bigode grisalho.

— Olá! por aqui? — disse-me elle logo que me avistou.

E, terminados que foram os apertos de mão e aquellas palavras banaes e tantas vezes hypocritas que presidem ao encontro de duas pessoas conhecidas, perguntei-lhe rudemente, olhando em Jerodor.

— E tu, tu que fazes por aqui?

O Correia sorriu, apontou para o interior da casinholta a cuja porta nos achavamos e, com certa ponta de cinismo, acrescentou:

— Cava-se a vida, não vêes? Para alguma coisa me haviam de servir os meus conhecimentos pharmaceuticos e a minha longa estada na roça. Nem só os padres e os b. ticarios têm direito á vida.

Era uma casa de ervanario. O intenso, confuso e desagradavel cheiro que desde a porta se sentia já o estava indicando. Mas, percorrendo a casa com a vista, logo notei que o meu amigo não se limitava, naquella arapuca, ao honesto commercio de ervas medicinas. Entre hoinholetos e bogiangas de feiticaria que se ostentavam no meio dos molhos de hervas, surprehendi sobre a porta para o interior, numa especie de nicho, a imagem dum sereno S. Francisco a olhar dolmente para quem passava. Aos pés jazia-lhe uma Biblia Sagrada e um Livro dos Espiritos. E aquillo, evidentemente, indicava malandragem!

— Estás intrujando a humanidade, meu patite! — disse eu sorrindo.

— Elle não se perturbou. Com seriedade e vigor volveu logo:

— Enganas-te, meu caro. Estou simplesmente cavando a vida. A humanidade é estúpida, que queeres?! A culpa não é minha. Bem sabes que fiz o que pude para levar a ao caminho da verdade e da belleza. Não foi por isso, possível, desaccorçoti, cancei-me; adquiri mesmo a convicção de que ella será eternamente estúpida e eternamente escrava. Agora sirvo a sua burrice. Não o faço, devo advertir, por espirito de philantropia — bem sabes que odeio a caridade; — mas é que com os meus esforços para arrancar a ao erro e á superstição havia ficado reduzido a morrer de fome. Sirvo, pois, a sua burrice, mas apenas como meio de vida. Faça como os empresarios do theatro que, depois de se arruinaem

com a representação de boas obras d'arte que o publico despreza, se põem a representar grosserias boças, a que o publico afflue freneticamente. E' o apolo do cão de Baudelaire, meu caro. A humanidade é como o cão. O cão rejeitava o pão de ló que o sabio lhe havia atirado para ir lambar um monte de escremento que farejara num portal. A humanidade é assim.

— E o negocio vai dando?

— Vai, vai; mas vem dahi; vem cá dentro; quero mostrar-te o melhor. Não vás pensando que se possa viver e pagar casa com a venda diaria d'alguns tostões de ervas.

Penetramos na sala contigua. E o meu espanto cresceu. Muito baixa, acachapada, pequenina, escura, apenas alumada por uma restea de sol que se coava por uma telha de vidro, a casa pairava numa penumbra cheia de melancolia e exhalava um bafo humido e repulso. Lembrava um subterraneo.

— Aqui está o altar, disse o Correia indicando uma mezinha de pinho cheia de bonecos e bogiangas. Do lado direito destacava-se um crucifixo e ujo Christo deitava sangue por todos os membros; do lado esquerdo uma equipatica estatuetta do Diabo fazia lembrar um fauno grotesco. ... e as duas divindades christãs cubriam-se uma caveira de dentes brancos e luizes.

— E' ahí, aos pés do Christo ou Satanaz, que o herege depois a quantia destinada á consulta. Eu retiro-me um momento, enquanto o consultante se enche da atmosphera macabra do recinto; cinco minutos após, quando o desgraçado já se achá immerso na ideia que o persegue e na angustia que o arrasta, volto com uma tunica roxa ou vermelha, conforme foi Christo ou Satanaz a divindade escolhida, faço um trejeito deante da divindade e sento-me naquella poltrona.

A poltrona estava ao lado do tamborete, mesmo de frente á mesa altar. Da parede, junto á poltrona, encrustada na calça, irrompia uma caveira pintada de vermelho, com os dentes dourados.

— Eu sento-me na poltrona, proseguiu o feiticario, e a besta da tenacidade senta-se no tamborete. Fiz isso propositalmente para marcar a inferioridade della e realçar a minha superioridade. E' desse tamborete humilde que ella me mostra a sua estúpida alma choramingando os males imaginarios que a sna estupidez criou. Deas e o Diabo estão subordinados á minha vontade, humanidade estúpida. Eu sou o individuo, o Unico, o Soberano. Qual é o teu mal, besta? Fala! Dos males que Deus ou o Diabo infligem, por elles ou pelos seus numerosos subditos, eu te livrarei, humanidade! Fala! Kssas potencias que tu creaste e de que depois te fizeste escrava, besta humana, estão em meu poder, são coisa minha, doceis ao meu chicote e ao meu trovejar. Mas, para isso dá-me um bocadinho do teu sangue — isto é, do teu dinheiro. Na natureza nada é de graça. A vida não dá coisa alguma. Para tudo o mister um esforço. A quem queeres que ordene, que imponha, que mande? A Deus ou ao Diabo? Fala!

O Correia inflammava-se, falava com a unção dos loucos, com a firmeza e sinceridade dos visionarios, dos revoltos dos. Comoviu-me e causou-me medo. Recoei que delirasse, que enlouquecesse.

— Mas basta, homem! Já comprehendo. E ri um pouco para espalhar a emoção.

— Cancei-me de ser besta, entendes — tocou elle já no seu tom habitual. Agora cultivo, exploro ou sirvo — como quizeres — a estupidez alheia.

— Descobriste um singular meio de vida, não ha duvida. E talvez tenhas razão.

— E' aqui que eu faço o melhor da féria, podes crer; já tenho fama e vem gente de longe consultarme, já sou um pequeno Deus... Dentre daquella caveira — proseguiu apontando para a parede — ha um bico de gaz que en accendo a hora das consultas. Por meio de um tubo de borracha e uma pequena bomba que agitei, consigo transformar, quando quero, a pequena luz numa viva lingua de fogo para queima — ou tostar qualquer objecto relativo ao caso do cliente. E com essas e outras patranhas que eu lhes dou a completa convicção do meu poder sobrenatural. Ah! a humanidade é estúpida e irremediavel, meu caro! Já não creio em nada.

— Voltamos á loja,

O "ASNO" NA LUA

FANTASIA INVEROSIMIL

Os tormentos de monsenhor

O capitão, a estas palavras, estava para fazer sahir de novo a durindana da banha...

Passeios aereos

Tendes ainda—acrescentou o lunar—provisões no balão (o mensageiro corre para lá com dois bater de azas) e podereis devorá-las aqui...

O capitão teve outro impeto. — Dos animaes? — Desculpe, não queria offender-vos. Nós não comemos, mas existem na Lua animaes inferiores...

Desde que se coma, não faço questão de dignidade. O mensageiro voador assim direi, tinha voltado, pondo na herva quanto achara no balão...

mente, num grau não muito lisongeiro da escala zoológica.

— Desculpai— disse eu—engulindo um pedaço de carne de conserva, para prevenir alguma nova furia do capitão...

— Explicava-lhes que não podereis viver nas altas camadas celestes, onde a atmosfera é rarefeita ou nulla.

— E vós viveis nella? — Certamente! Não temos precisão de ar, ou de oxigenio, para queimar os alimentos no estomago...

— Ou que nella estão de passagem... O velho sorriu.

— Assim—acrescentou— não funcionando as mucosas, o sangue da periphéria não sofre alterações pelo frio...

Monsenhor coçou as sobrancelhas: — Mas os vestidos não são necessarios sómente para defesa das intemperies: elles são também defesa do pudor!

Os pudores de monsenhor

Duas ou tres galantes lunares, que seguíam attentamente a nossa conversação, aproximaram-se.

— Amigo Pensamento, que é pudor? — Monsenhor olhou as córdão e estava para recitar-lhes uma pagina de Santo Afonso quando o velho poz um dedo na bocca.

O pudor é um preconceito dos habitantes da Terra, especie immoralissima entre todos os seres vivos...

— Mas como?!— exclamou monsenhor—prenderis que cobrir o corpo seja costume immoral?

— Não para vós, pois que o cobri-lo é uma necessidade determinada pelo clima, mas se-lo-ia para nós que a tal necessidade não estamos sujeitos...

— Mas então deveremos nos tornar selvagens outra vez?— insistiu monsenhor desesperadamente.

— Não, disse o velho— não selvagens, mas civilizados. Todo o costume não determinado pela necessidade, é uma incongruencia e uma immoralidade...

Monsenhor ficou profundamente desconcertado com a duvida de que a philosophia affonsina tem necessidade de uma radical reformã.

Tinha os jantado optima lente, e o naviosinho aereo oferecia-nos o celere flanco para uma bonissima dige tão.

Aproveitamo-nos delle immediatamente, subindo atraz de nosso guia que nos collocou na aeronave em commoissima posição.

Não logo que todos os meios de locomoção aerea—dos quez viamos entrecruzarem se sobre e sob nós no espaço—comquanto de formas variãdas

simas, apoiavam-se num mesmo principio: a imitação dos volateis, com lomes e remos movidos á electricidade.

A lua a vol d'oiseau

O balão corria, levando-nos de surpresa em surpresa.

Debaixo de nós, na ampla extensão dos prados e collinas, talhado em jardins de flora maravilhosa, os rios que de verdura entrelaçados no ferro—habitações particulares—isoladas ou em grupos, e as gigantescas, comquanto elegantes, construcções destinadas ao uso publico.

Aquillo que mais singularmente nos chamava a attenção era a fusão intima da natureza e da arte, de modo que se tornava difficil determinar onde cessava aquella e começava esta.

As casas e os palacios pareciam um desenvolvimento racional das coisas naturaes, assim com as solennes florestas, dobrando os froadosos ramos em guisa de galeria, ou agrupando as copas excelsas em cupula florida, deixavam em duvida si fossem producto do humano artificio, ou si os palacios—tossem germinação da natureza.

Tal era a grandeza e formosura daquellas construcções erguendo se para o céo, capazes de conter no vasto flanco milhares de seres vivos, que córamos ao pensar em nossa arte, producto fatigoso e fragmentario da pouca actividade terrestre, misero retalho, de tanto tempo e tanta intelligencia consagrados á brutal luta pela existencia material.

Parece que o velho advinhou o meu pensamento, porque disse:

— E' verdade! A civilidade data do momento em que o homem e ssa de prover ás necessidades materiaes da vida. Antes desse momento tudo é prehistorico no genero humano. (CONTINUA)

A Lanterna em Jardinopolis

Estamos outra vez ás voltas com o famigerado Vinheta, um valente toureiro que, por ser tão toureiro e tão valente foi expulso das Philippinas...

Infelizmente o que foi varrido das Philippinas para o bem daquellas ilhas aboleiouse aqui e entende que em Jardinopolis é elle quem tem o barão e cutello.

Ha oito mezes, mais ou menos, foi cobrado o tal laudemio, que ha muitos annos não se cobrava. Mas o Vinheta tanto fez que recebeu 12 contos.

Agora houve uma briga entre Vinheta e o fabricante, devido ás contas, e por não ter o padre dado informações sobre o arame.

Após ter aqui apparecido A Lanterna, de que o Vinheta tem tanto medo quanto o diabo da cruz, diz elle que ha em Jardinopolis meia duzia de anti clericaes...

Viram só que pulha?! Felizmente já não somos do tempo em que o veneno, o puhal e a fogueira mandavam desta para melhor os herjes...

Esperamos, para gaudio dos leitores da Lanterna, que o Vinheta, com suas fanfarrices, ainda nos hade fazer rir á vontade.

E' um toureiro valentes, não resta duvida. (Do correspondente)

Para o proximo numero

A tyrannia do espaço obriga-nos a adiar ainda diversos artigos e noticias, entre os quaes: Renovação d. Escolas...

Conclusão do manifesto academico; O Bandido de Casaca; artigo de Ulysses Martins; Collaboração; Notas, comentarios, etc;

A Lanterna no interior; O nosso concurso; Correspondencia de Ribeirão Preto; Como elles escrevem a historia...

— O Grupo Dramatico dr. Moreira Sampaio levou á scena, no dia 15 deste, o drama Os Ladros da Honra...

Tinham agora annuciado o drama Manchas de sangue mas, segundo consta, os elementos reaccionarios que andam a vegetar nas igrejas...

Agora, sob o pretexto de uns reparos no cemiterio o CURA, que só cura de si, andou a fazer subscrições, com o que, certamente, ainda mais encheu a sua bolsa.

Se o padre tem seu officio, como qualquer outro, devemos obrigar-o a mudar de profissão pois que a sua, que é de mentir e enganar o povo, não pôde ser exercida.

Emfim, vamos ver se aqui, em Ribeirão Pires, tambem o povo abre os olhos e não se deixa espolar. (Do correspondente)

Na capital Iniciaremos o mais cedo possivel as conferencias anti-clericaes nos arrabaldes de S. Paulo.

Outrosim, prevenimos a nossos dignos assignantes que vamos começar a cobrança na capital.

Aos amigos Todos os peregrinos, tolas as victimas do cledo sem entradas, que governos sem escrúpulos e dos capitalistas—gerenciados encostados a A. F. Pereira, todos a agita e detesta.

Com a S. Paulo Railway Em carta que nos enviaram os trabalhadores da plataforma da Estação da Luz, queixam-se do modo deshumano e brutal com que os trata o fiscal Antonio de Sousa Coelho...

Dizem elles que si chegam alguns minutos mais tarde são obrigados a trabalhar meio-dia de graça para a Companhia...

Além de só perceberem 90\$000 mensaes soffrem elles continúos descontos no ordenado, o que não é justo.

Esperamos que esses vexames serão evitados, pois essa extorsão é muito depõe contra os foros de seriedade da S. Paulo Railway.

CAIXA DE HERES F. Antunes—Nesta—Soua versos revelam sinceridade e enthusiasmo, mas a forma é que pecca. Nós não devemos ter muita pressa em publicar as nossas primeiras produções...

Dr. Godes—Nesta—Sua carta é de uma ironia preciosa e desenha muito bem o perfil jesuitico de Bouché do tal Bourroul. O amigo fez jus a mais uma excommunhão, o que vale cem vezes mais que uma benção.

S. C.—Ribeirão Preto—Para o tal jesuita estamos armazenando material, colhido nas taes cartas que elle escreve na Cidade. Aproveitaremos tambem suas informações. Todo jesuita, de batina ou casaca, é isso mesmo.

Adelpho—Nesta—E exacto o que nos diz em sua missiva. Si as beatas têm tanto medo ás baratas é porque sabem que ellas são suas homonimas. Tambem se chama rão de sarracina aos beatos.

Guabru—Ovareiros—Sou ultimatum ao bispo de Niotheroy, a respeito do monsenhor Quartim, deveria ser, no mesmo numero, seguido dos rebatos e documentos, sem o que é inconscientee. Esperamos sua decisão.

Raphael Pires—Nesta—Aves de rapina, morcegos, cães famintos, viboras e muitas cousas, mas são os taes membros do clero.

Em sua carta, o amigo pinta em cores fortes toda essa corja de gananciosos.

Na Policia Central

— Precisamos acabar com a Mão-Negra. — Nesse caso suicidamo-nos.

"A Lanterna" em Ribeirão Pires

Tambem por aqui tem passado a unha do padre; e é uma desgraça. Onde elle cae, já se sabe; o pobre fica sem um real e o abastado soffre forte sangria.

Agora, sob o pretexto de uns reparos no cemiterio o CURA, que só cura de si, andou a fazer subscrições, com o que, certamente, ainda mais encheu a sua bolsa.

Se o padre tem seu officio, como qualquer outro, devemos obrigar-o a mudar de profissão pois que a sua, que é de mentir e enganar o povo, não pôde ser exercida.

Emfim, vamos ver se aqui, em Ribeirão Pires, tambem o povo abre os olhos e não se deixa espolar. (Do correspondente)

Na capital Iniciaremos o mais cedo possivel as conferencias anti-clericaes nos arrabaldes de S. Paulo.

Outrosim, prevenimos a nossos dignos assignantes que vamos começar a cobrança na capital.

Aos amigos Todos os peregrinos, tolas as victimas do cledo sem entradas, que governos sem escrúpulos e dos capitalistas—gerenciados encostados a A. F. Pereira, todos a agita e detesta.

Loterias de São Paulo Magnifico plano 20 CONTOS Bilhetes á venda em todas as casas lotericas

Na Policia Central Os nossos representantes São nossos representantes fóra da capital os seguintes correlegionarios...

"A Lanterna" em Ribeirão Pires Tambem por aqui tem passado a unha do padre; e é uma desgraça.

ESPECTACULOS Moulin Rouge—Completamente reformado reabrin se na semana passada esta casa de diversões.

"A LANTERNA" NO RIO é encontrada á venda nos seguintes pontos: Na Federação Operaria, rua do Hospicio, 166.

Soffria Atrozmente de Anemia Restabelecida em Seis Mezes Emulsão de Scott

"Declaro que tendo uma filhinha que soffria atrocemente de enfraquecimento geral do organismo e de uma anemia tão profunda que dia em dia a consumia mais, empreguei com o melhor resultado a Emulsão de Scott."

O que fez a EMULSÃO DE SCOTT por esta menina, fal'o constantemente por todas as crianças que veem ao mundo com uma natureza fraca e debil. É uma verdadeira Providencia da Infancia.

AVISO A todas as pessoas que nos escrevem prevenimos que, devido á numerosa correspondencia, nas é inteiramente impossivel responder pelo correio.

A' venda nesta redacção Numero especial dedicado aos acontecimentos de Hespanha e á obra de Ferrer. Publicação editada pela Commissão contra a resacção hespanhola no Rio de Janeiro.

Avelino Foscato O JUBILEU

II
E naquella luta em que o mi-
sero se esbofava como desalmado
tyranno, não se sabia qual era
mais desgraçado— si a besta ajou-
jada á canga, si o homem ajoujado
áquelle labor, inspirando-lhe o
odio.

Tropas cruzavam-se conduzindo
cerceas e outras mercadorias...
O tropeiro, mais feliz de certo, pas-
sava cantando as suas Tyrannas
numa voz dolente, casando-se bem
com a melancolia de em torno.

galha, proseguindo com a sua can-
tarola, improvisada por vezes, in-
correcta e rústica, mas de uma
poesia encantadora.

— E' a verdadeira felicidade!
— disse Laura designando-o.
— Quem sabe, o que vai de ma-
gua embalada na doce canção?
Canta para afugentar os males,
para amortalhar a saudade!...
exclamou o Chagas. Sempre er-
rante, quantos abysmos não lhe
cavam no coração os amores que
vai deixando? Recordações do pra-
zer avivam mais no peito a sede
cruciante de gozo e o canto me-
lancholico do tropeiro é a cinza
em que procura abafar o brazeiro
das paixões.

— Historia! — ajuntou o bacha-
rel. São uns brutos! não sentem,
não pensam nada.
— A intensidade do gozo ou do

pezar— tornou o pintor — está na
razão directa do adiantamento phy-
sico e moral do individuo, bem sei.
Mas uma alma que se desabrocha
na fascinante belleza da canção
popular sofre como artista que é.

— Qual belleza e qual artista.
Onça lá o que elle canta! — vol-
veu o Sena.

E o tropeiro echoava a voz al-
tisonante através das campinas:

Vengo rios, campo mattas,
Vengo desertos tambem;
Só não destroço a saudade
Que sinto p' amor d'algum.

Passam dias, correm annos,
Morrem senhores, murcham flores...
Min' alma que tem saudades
Tambem morre ao mal d'amores.
— Pobre poeta rustico — pensou
o Chagas — só eu te compreendo,
talvez, no meio desta caravana;
só eu, como tu, proseguindo sem-
pre na perenne romaria, hoje aqui,

amanhã além, em busca da ina-
bordavel Mecca, do desconhecido
gozo, posso medir a intensidade de
tua melancolia por essas cinzas
de coração deixadas como rastro
triste, constantemente, perennemen-
te á tua passagem.

E as cenizas se movimentavam
mais á proporção que abicavam a
Central. Boiadeiros passavam con-
duzindo rezes morosas, arrebanha-
das pelo grito prolongado e amea-
das dos conductores. A voz vi-
brante, num como ululo intenso,
repercutia nas serras, acordando a
soledade dos campos, servindo de
rebatte aos incautos que palmilha-
sem a estrada. As mesmas canções
improvisadas, porém de musica
mais dolente, brotavam-lhes do
peito e eram interrompidas a cada
passo por pragas obrigando as ar-
redias rezes a voltarem á manada.

Os peregrinos deixaram aquellas
vozes nostalgicas, um como sulco
de melancolia, aquellas viajantes
vagarosas na romaria da luta pela
vida, em busca, tambem, do inac-
cessivel, do mysterioso futuro ap-
parecendo ao longe, anrea miragem
nos roseos sonhos desabrochando-se
á eterna esperança, eternamente
gravada no peito.

III
Penetraram na Central. Media-
vam apenas algumas horas dahi ao
ponto final da excursão.

O expresse ia pejado de gente na
primeira quinzena de setembro: os
passageiros de segunda invadiam a
primeira classe, tornando mais in-
commoda a viagem.

Laura descera as vidraças por
causa do pó e pedia agora ao ma-
rido para abri-las afim de respirar
melhor.

— Queres que te diga? Valia
mais a pena ter feito este pequeno
trecho a cavallo.

— A questão principal é a co-
mitiva, ficava mal accommodada,
sem pasto, sem tratamento, ex-
posta a ladrões. Não sabes o
que aquillo é, filha! — disse o Se-
na. Pensas ser como na fazenda do
velho!

— Bem sei que não. Mas para
pouparmos os annos aos por pe-
quena economia nos expormos a
isto! — volveu ella, quasi num mur-
múrio, designando a crescente in-
vasão.

A calma tornara-se insupportavel.
Ao pé, ao fumo das queimadas, ao
vapor enjoativo do carvão unia-se o
cheiro incommodativo da transpira-
ção humana, o fetido das ulceras em
putrefacção.

(Continúa).

"A LANTERNA" em Mattão

Em resposta ao sermão do pa-
dre Luiz Salamero o Centro Es-
pirita distribuiu um boletim em
que desfez as asserções daquelle
padreco. O boletim, bem redigido,
com argumentos esmagadores, fi-
cou sem resposta, que é esse o
costume dos taes ministros quan-
do acham pela frente quem não
os poupa.

São sempre assim estes pa-
dres: pregam suas mentiras a
seu rebanho mas evitam a dis-
cussão porque receiam perder a
ascendencia do pastor sobre as
ovelhas.

(Do correspondente).



SERMÃO

SCENA DE IGREJA

Continuando o sermão:
O que deste pulpito vos fala
não é um S. Vicente de Paula...
(Voz interna) — Não me atrevo
a dizer a verdade, porque respeito
os meus freguezes: sou uma Santa
Vicenta de Paula...

Proseguindo:
Meus filhos: o jejum é o me-
lhor meio para a abstenção dos
prazeres sexuaes.

(Voz interna) — Isto nunca eu
direi á minha bella... criada que,
si na arte culinaria é insuperavel,
na de popular o solo é coelheira...
E não seria estranho que entre
tantas mulheres e meninos algu-
mas me tenham pertencido e al-
guns fossem meus. Nisto sou, pois,
um tanto incoherente.

Vós, penitentes que ainda
tendes de expurgar vossos pecca-
dos, só sereis salvos dos castigos
de Deus se fizerdes como vos digo:
«Dai de comer ao faminto. Dai
de beber ao sedento.»

(Voz interna) — Contanto, po-
rém, que não vão nessa onda os
frangos do meu gallinheiro, os
presuntos da minha despensa e o
vinho gostoso da minha adega.

Alguns pobres de espirito (os
que ganham o reino do céu) tra-
zem-me ao confissionario as suas
virgens filhas, outros as suas ho-
nestas esposas. E entre ellas não
falta quem por mim seja matrici-
da, para me proporcionar prazeres,
ganhando com isso um lugar no
Paraíso.

Ah! eu sou maior que o ser
supremo... porque sou um ser fa-
zedor de filhos sem pais. E nestas
coisas, com um conto de réis, e
até com menos, tapa-se a bocca a
todos os blasphemos indiscretos que
por ventura surjam.

Pratica a caridade para com
os pobres desvalidos. Para cada
lagrima dos doentes tende vosso
coração magnanimo e generoso
prompto a alliviar-lhes a cruz da
sua dor.

Voz interna — De boa vontade
su teus deixado de pronunciar
taes palavras, quando por mais
não fosse, ao menos para evitar
que amanhã cedo essa infundavel
caravana de famintos e leprosos
me viesse aborrecer com as suas
lamurias.

Mas não ha remedio senão re-
signar-me, o meu officio assim o
seigo.

Não só Christo teve a sua cruz,
eu tambem tenho a minha: não a
de madeira, como a que tantissimas
vezes o pobre redemptor, mas a de

Loterias da Capital Federal
Sabbado, 18 de dezembro
500 CONTOS Bilhete inteiro 36\$ 000
Sabbado, 18 de dezembro
Os bilhetes já se acham á venda em todas as agencias

ter de pagar quotas a diversos
clubs de protecção ás jovens or-
phãs e aos meninos expostos, gran-
de parte dos quaes é forçoso re-
conhecer que são victimas miahas
e de meus collegas.

Neste momento alguém percebeu
a sua voz interna. O tachigrapho
cessou de traçar signaes e arabescos
sobre o papel, o qual foi derruba-
do pelos fleis tomados de pânico,
que fugiam espavoridos.

E' que um proselyto de Baku-
nine tinha gritado ao publico as
rebeldes palavras do grande revo-
lucionario russo: «Nem Deus, nem
pátria, nem amo.»

E a este ritmo um outro deu
uma cacetada na corça do reve-
rendo orador que o reduziu ao
silencio.

Assim se destroem as crenças
com as forças da razão e com a
razão das forças.

P. U. RUIZ.

Em Sorocaba

Recebemos dessa cidade o se-
guinte cartão:

Sr. redactor.
Realizou-se aqui, como em todas as
cidades civilizadas, a festa denominada da
bandeira. Foi ella promovida pelo illu-
strado mopo sr. Luiz de Campos, director
do grupo escolar. A concorrência foi se-
lecta e o brilhantismo seria unico, si não
fosse o que abaixo vos passo a expor. De-
pois de alguns hymnos, etc., tomou a pa-
lavra o professor Abilio Marques, mopo
intelligente, não ha negar, mas que, ao
envez de manter-se firme ao encargo a
que se submetera, qual o de trazer o pa-
negrico do nosso pendão, do seu valor,
da sua necessidade, em fim, fugiu ao
assumpo verberando os fundadores da es-
cola moderna, os livres-pensadores e pre-
gando a sua religião, a catholica, com
ares dum capuchinho em rendosa semana
santa... Falasse sobre a bandeira, estava
directo, mas nunca procurasse abusar da
nossa bondade de expectadores, recusando
phrases no colorido do verde, ou na en-
xauravel fonte dos Respostos, para in-
gingir-nos a «sublimidade» da religião que
engrezeceu a historia e que, no Brasil,
em nome do mesmo Deus que só sabemos
de amor, gerou um Anchieta, o monstro
catechizador que mandou trucidar Boles,
o genio altivo da razão! Não sr. Abilio,
venha pelo terreno dos factos, pela logica,
e vamos ver se a festa da bandeira tem
algo de ver com a religião de que sois
adepto! Sr. redactor, ahí fica o meu pro-
testo. — Sorocaba, 21-11-09. — Um
seer. mo livre-pensador.

Um professor que se rebella
contra a Escola Moderna e acceita
e celebra uma bandeira positivista,
que até aqui a igreja não
quix reconhecer devido ao lemma
«Ordem e Progresso»!

Para um professor carola essa
amostra de illustração (!) e cohe-
rencia vai muito bem.

E' que o gajo acompanha sua
igreja que, nos tempos modernos,
procura sempre estar ao lado do
mais forte, embora os dogmas se
esborçoem...

Solicitamos instantemente de todos os
companheiros o envio de nomes de pes-
soas que provavelmente assignarão A Lan-
terna.

PEQUENOS ÉCOS

Hotel Central—Recebemos uma circular
do sr. Caetano Benedetti, que nos informa
ter este senhor, proprietario do Hotel
Central de Uberaba, reformado e melho-
rado consideravelmente este estabelecimen-
to, de modo a torna-lo o preferido de
quantos visitam a cidade mineira.

Gratos pela communicação, desejamos
ao sr. Caetano Benedetti buoni affari e
quattrini.

Padre malgrado e sayado — Em carta
dirijida ao Correo de Cruzeiro o sr. Octavio
Ramos queixa-se de ter sido insultado
pelo vigário Felipe Alonzo, que lhe exigi-
a a devolução de uma missa, já entregue
á comadre do tal sacerdote.

O sr. Octavio escapou de ser victimas de
uma aggressão, pois o padre Felipe tinha
junto á si um collega e um grande cfo-
o unico que não o ameaçou nem insultou.

Além disso, esse padre é accusado de
insultar aos parochianos, e tem até provo-
cado escandalos com senhoras casadas.

Um conselho ao sr. Octavio: abandone
as mentiras da padralhada e ajistese no
rol dos honestos livres.

Visita — Recebemos a do nosso agente
em Santos Luiz Reza, que nos delectou
com boas palestras e trouxe-nos muito ar-
corajamento.

Lej. Independencia — Para assistir a festa
com que essa respeitavel Lej. de Campi-
nas commemora seu 42 anniverario rece-
bemos um amavel convite da seu secretario
Ulysses Leloi.

Muito gratos.

Liga Operaria — Inaugura-se amanhã em
Sorocaba uma Liga Operaria, dispondo de
numerosos socios que se acham possuidos
de muito entusiasmo.

Fundada sob os melhores auspicios esta
Liga terá grandes vantagens ao operário
da adiantada cidade.

Para fazer uma conferencia nesse dia
seguido de S. Paulo um conhecido orador,
que assim attende ao convite que lhe di-
giram os fundadores da Liga.

"A LANTERNA" em S. Roque
Pelo visto, temos em S. Roque
o Santo Officio, um pouco mais
moderado, é exacto, porque já lhe
não é possível torturar e queimar so-
res humanos; mas nem por isso
deixa de ser o Santo Officio, com
as mesmas formalidades a que não
falta a fogueira — a arma da igreja
para converter e dominar.

Os salesianos andaram aqui a
pregar a santa missão e, por meio
de ameaças terríveis e espantosos
anathemas, conseguiram, principal-
mente das mulheres, a entrega de
livros, taes como a Biblia, folhetos
espiritas e protestantes, romances
e postaes illustradas para os lançar
á fogueira, o que fizeram.

Os proprios catholicos reprova-
ram tanta intolerancia.

A's 5 horas e 25 minutos da
tarde, foi erigido no alto de um
morro o grande cruceiro, tão gran-
de que requereu, para ser trans-
portado, o esforço de 40 caipiras
robustos. Media 9 metros de altu-
ra, 3 metros de haste e uns 22
centimetros de espessura.

Notamos que alguns que se in-
titulam incarnações inimigas da
igreja ajudaram a erguer o crucei-
ro, que attestará aos passantes
que os salesianos aqui estiveram
tosquiando o povo crendeiro e in-
genuo.

Estando chantado o cruceiro, um
dos padrecos fez um sermão em
linguagem claudicante, arrezvedas,
terminando por um viva ao aym-
bolo e ao clero, que foi corres-
pondido por alguns mortas.

Tivemos, numa palavra, em S.
Roque, uma scena da inquisição.
Si não queimaram herejes é por-
que não puderam; que a vontade
não lhes faltou.

DO CORRESPONDENTE.

Bilhetes e recados

Rio—Moscou: Recbi os 16\$500. Agra-
do o numero unico. O Gallo agradece os
teus servicos.—Jango! Mande os ns, que
sobraram que ha falta.—Mots: Estimamos
tus melhores. Alteramos o endereço: Saude.
Obrigados pela lembrança. Custa 1\$.—A.
R. Magis: Permutaremos.—Ulysses: Sem-
pre o mesmo, hein? Publicaremos.

Sant'Anna de Sapucahy — H. D. Nascei-
mento. Recebemos os 10\$. Obrigados.

Campinas—Olivar: Muito bem! E' pre-
cioso impedir.—A. Pace: Registramos o
novo assignante.—F. de Riga: Seguram
mais os 30 numeros. O jornal tem segui-
do com regularidade. Recbi o jornal.
Saude.—F. Ferrer Bueno: Gratos apre-
ciaremos. Já neste numero alguma por-
conta.

Lorena.—F. Jucá: Recebemos e sábrá
logo que seja possivel.

Santos—L. Santos: Recebemos e senti-
mos não poderemos publicar. Temos re-
cebido tantos versos que é impossivel inserir
todos. Escreva prosa que é preferivel.

Ribeirão Preto—F. Bahiera: Está bem
Mandaremos os 40 exemplares. Saude
e saes.

Abbadia de Dourados—Dr. O. Paranhos:
Enviamos um pacote e registramos ser
nome. Saudações.

Rocinha—José Porto: Recebemos e pu-
blicaremos. Agradecemos a lista de assignan-
tes.

S. J. do Paraíso—J. B. Thomas: Fize-
mos a transferencia de sua assignatura.
Saudações.

Jardinópolis—V. Tschli: Recebemos a
lista de assignantes. Agradecemos.—Tschli:
Breve seguirá o conferencista. Saudações.

Piracicaba — J. Alemayn: Mandaremos
pacotes ás pessoas indicadas. Não ha in-
conveniente; pôde vir no principio do
mez. Saudações.

EXPEDIENTE

Pedimos a todos os amigos e corri-
gionarios que enviem cartas, dinheiro, va-
les, e tudo quanto concerne á adminis-
tração o favor de endereçar a correspondencia
ao administrador d'A LANTERNA —
EDGARD LEUENROTH.

O endereço é: LARGO DA SE', 5
(sobrado), e não caixa do correio, como
por engano saiu.

Pedimos aos amigos que desejam acce-
tar o cargo de representantes d'A Lan-
terna em qualquer localidade do Brasil a
finezza de nos escreverem, com urgencia, pelo
que ficaremos immensamente gratos.

Aos nossos assignantes e leitores roga-
mos o favor de, quando fizerem encomen-
das aos nossos assignantes, citarem
A Lanterna como o jornal onde encon-
traram a reclamação.

A Lanterna acceita e publica denun-
cias contra o clero e contra toos e qualquer
autoridade, desde que o facto seja veridico
e não seja passivel de formal desmentido

Apesar da praxe jornalística, julgamos
conveniente declarar que os artigos as-
signados são de exclusiva responsabilidade
dos seus autores, salvo expressa adhesão
nossa ás ideias por elles expostas.

Seguindo a orientação moderna da im-
prensa independente, queremos que o nosso
jornal seja uma tribuna de livre discussão,
para uma investigação sincera da verdade
e como um eco ás aspirações do nosso
tempo.

Solicitamos de todos os amigos e leito-
res, com o fito de tornar mais vasto o
raio de acção d'A Lanterna, que nos en-
viem toda e qualquer noticia de crimes e
patifarias da padralhada, cortando a do
jornal, cujo nome deverão nos enviar
assim como a data e o lugar em que se
publica.

Apesar de facilitar a acquisição de obras
literarias, scientificas ou de propaganda,
nos propomos mandal-as vir do estrangeiro
mediante pedido acompanhado da impor-
tancia, sem commissão alguma.

Para isso publicaremos breve um an-
uncio.

Publicações periodicas
Um dos nossos amigos encarrega-se de
receber assignaturas, por intermedio desta
redacção, para as seguintes publicações:

L'Ecole Rénovée
Revista quinzenal fundada por Francisco
Ferrer, destinada á exposiçáo das novas
tendencias do ensino e á propagação dos
metodos racionais e praticos.

Redactores: Charles Albert e Maurice
Dubois — 61, Rue du Cardinal Lem-
oine, Paris (V) — Assignatura annual: 3\$000.

NOTA. — Depois do assassinato de
Ferrer, que fazia face á maior parte dos
gastos desta publicação, L'Ecole Rénovée
tem a vida menos segura e depende do
numero de assignantes. Todos aquelles que
querem honrar a memoria de Ferrer, con-
tribuindo para a continuacáo de suas obras,
todas os professores estudiosos e amantes
da pedagogia nova e da sua propria mis-
são, concorreram com o seu esforço para
a vida desta revista, assignando-a.

Les Temps Nouveaux
Revista quinzenal sociologica, com um
supplemento literario. — Director: Jean
Grave. — Assignatura annual: 3\$000.

La Guerre Sociale
Semannario revolucionario. — Redactor-
chefe: Gustave Hervé.
Assignatura annual: 5\$000.

A Sementeira
Publicação semanal illustrada de critica
e sociologia. — Lisboa.
Assignatura annual: 2\$000.

A Vida
Hebdomadario operario. — Porto.
Assignatura semestral: 1\$500.

Internacia Escola Renova
Revista mensal em esperanto, dedicada
ao movimento social. — Paris.
Assignatura annual: 2\$500.

A venda nesta redacção:
O Clarão
Publicação eventual racionalista. — Porto.
Cada exemplar: 100 réis.

Subscrição pró-Lanterna
Do nosso amigo de Santos, Leonidas
Cortez, recebemos a seguinte subscrição
por elle promovida:

Lista de subscrição voluntaria en-
tre aquelles que tenham amor á ver-
dade. E' em prol d'A Lanterna, o vi-
goroso organo de combate, que em S.
Paulo faz tremar o clericalismo hy-
pocrita em seu fragil pedestal:

Carlos Borges, João Figueira e Leonidas
Cortez, 1\$ cada um; Fraxedes
Nascimento, \$400; Antonio Pinto, An-
gusto Gonçalves, João Zeferino, Ba-
lduino Esteves, Vidal dos Santos, F.
Balarino, Alexandre Gonçalves, Cice-
ro Paula, Candido Rios, Miguel de
Souza e José Manuel da Silva, \$500
cada um. Total, 8\$900.

Use constantemente
Declara assin o illustrado medico
do Rio de Janeiro num atestado dos
srs. Scott & Bowne sobre a Emul-
são de Scott:

«Attento que na minha clinica tenho
feito uso constantemente da Emul-
são de Scott, particularmente entre
as criancas, sempre com os mais van-
tajoos resultados.

DR. ABEL M. DA GAMA E SILVA.»

SOLITARIA
Expelle-se, sem perigo e facil-
mente, com a Ankylostomocida
Phillipp's n. 1.— Drogaria Ber-
rini, rua Hospicio, 18 — Rio.

Retratos de Ferrer
Um amigo poz á venda em nos-
sa redacção, ao preço de 2\$, di-
versos exemplares de uma boa pho-
tographia do grande marty.

Agua ingleza
A melhor é a de Nascimento
& Francesconi. — Drogaria
Berrini, rua do Hospicio, 18—Rio.

Joaquim Marques Role
Este auctor, morador em Cataguas,
nos Minas, cu em suas immedições,
é procurado por Ad-elina Rodrigues
Magis, residente no Rio, á rua do
Hospicio n. 166. Federação Operaria.
Como não seja sabido o seu para-
deiro, roga-se a transcripção deste a
todos os collegas.

Opilação
Cura-se radicalmente com o
Ankylostomocida Phillip's.
Drogaria Berrini, Hospicio, 18-Rio.

Vermouth, 400 réis
Chop e sandwiches, 200 ra.
Vinho Barbera e Toscano
Ponce Toscano, 200 réis

No CRITERIUM BAR
2 — Largo do Rosario — 2

Tuberculose
A Antihocillina Nasolmento
produz excellentes resultados. —
Drogaria Berrini, Hospicio, 18-Rio.

Motores
a vapor, de 8, 12 e 16 cavallos,
da FUNDAÇÃO DO BRAZ.

F. AMARO
Rua Corrêa de Andrade, 20

Bronchites, tosses, etc.
Curam-se com o Expector-
bronchico. — Drogaria Berrini,
rua do Hospicio, 18 — Rio.

Professor
Um engenheiro, com longa pratica de
ensino, prepara alumnos para as Escolas de
Commercio, Normal, Polytechnica e Mac-
kenzie College e dá aulas praticas e the-
oricas de ingles, cobrando apenas 10\$000
por materia, mensalmente. — Rua Barão
de Iguaçu, 128.

Horario das aulas nocturnas — das 5 ás
6 hs. de noite: segunda-feira, portuguez;
terça-feira, algebra; quarta-feira, portuguez;
quinta-feira, algebra; sexta-feira, portuguez;
sabbado, algebra; das 6 ás 7: segunda,
portuguez; terça, desenho; quarta, portuguez;
quinta, desenho; sexta, portuguez;
sabbado, desenho; das 7 ás 8: segunda,
ingles; terça, geometria; quarta, ingles;
quinta, geometria; sexta, ingles; sabbado,
geometria; das 8 ás 9: segunda, ingles;
terça, arithmetica; quarta, ingles; quinta,
arithmetica; sexta, ingles; sabbado, arith-
metica; das 9 ás 10: terça, quinta e sab-
bado, arithmetica.

NOTA — Ha tambem aulas diurnas das
materias acima e outras.

Bons queijos
Fabricam-se com o Queijo
suizo em pó. — Drogaria Ber-
rini, rua do Hospicio, 18 — Rio.